

apontamentos

ALDEIAS COMUNAIS DE CABO DELGADO - NOTAS BREVES

Desde que a FRELIMO lançou o grande movimento de massas de criação de Aldeias Comunais, há quase três anos, tem-se verificado uma resposta bastante positiva dos camponeses.

Em Cabo Delgado, tal como nas restantes províncias, o processo está em avanço. Aí, cerca de 95 por cento dos camponeses vivem em comunidades rurais. D e s t a s vão criar-se pelo menos 620 aldeias comunitárias.

Embora de diversas origens — umas formam-se nas Zonas Libertadas, outras resultam da transformação de antigos aldeamentos, outras ainda nascem da concentração de moçambicanos regressados ao país, após a luta de Libertação Nacional — essas aldeias possuem certas características e problemas comuns.

Pelo menos no ano passado, as populações não passaram fome. Nas machambas individuais produziu-se boas quantidades de milho, mandioca, mapira e arroz. O problema fundamental quanto à produção familiar continua a ser a pobreza da dieta alimentar: ou porque não existem certos géneros alimentares — carnes, ovos, leite — ou porque o camponês de Cabo Delgado não está habituado a introduzi-los na sua ementa diária — por exemplo feijão, amendoim e batata — o prato diário continua a ser, quase invariavelmente, o Ugwali (massa feita com farinha de milho) ou Dambala (farinha de mandioca cozinha) com folhas de mandioqueira.

Por outro lado, não basta o aumento da produção agrícola apenas a nível familiar. Para responder correctamente aos objectivos da Aldeia Comunal, a produção terá de ser colectiva. Este é um dos princípios definidos para a melhoria global das nossas condições de vida, em particular das massas camponesas. Por isso as estruturas do Partido e do Governo provincial lançaram, após a divulgação das resoluções da IV Secção do Comité Central, a ofensiva de criação de cooperativas em todas as aldeias.

QUEM LÁ FALA VIVE

Mais de 4 500 pessoas constroem a aldeia comunal de Imbuho — uma das primeiras do distrito de Mueda. Alguns aldeões falam-nos da sua situação face às dificuldades mais comuns na presente fase do processo em curso, na província de Cabo Delgado:

— Quando e como nasceu a aldeia de Imbuho?

Jamba Dielielieli — Começamos a construir a aldeia em 1975. Vivíamos na mata, ao pé da base da FRELIMO, durante a luta de libertação na

cional e viemos para este local logo que foi lançado o movimento de criação de aldeias comunais.

— Que produzem aqui?

Antônio Mataquenha
— Produzimos milho, ma-
pira, feijão, feijão regio-
nal, mandioca, amen-
doim, gergelim, batata do
ce e arroz.

Lassau Sijunga (responsável da produção) — Se tivéssemos trigo, também gostaríamos de experimentar...

— Quais os problemas que mais afectam a produção?



Jamba Dielielie



Aldeia Comunal de Matambalale, no distrito de Mueda

A COOPERATIVA

Além de permitir aumentar a produção das culturas básicas, como o milho, amendoim, batata, feijão, mapira e mandioca, a cooperativa permitirá o desenvolvimento das culturas de rendimento, tais como o algodão, gergelim, girassol, tabaco, sisal, e caju. Só através dela se podem atingir os objectivos estratégicos definidos, os camponeses aumentarão a sua experiência e os seus conhecimentos utilizando racionalmente os recursos naturais e os meios de produção, os membros da aldeia pode-

rão participar nos rendimentos obtidos pela comercialização da produção e usufruirão dos benefícios da aldeia comunal. Como podemos hoje ver nas aldeias já criadas é quase insignificante a prática de formas colectivas de produção, razão pela qual não se pode ainda falar correctamente na existência de aldeias comunais.

OUTROS PROBLEMAS

Mas além desta, há outras causas que afectam o desenvolvimento do movimento comunitário nesta

Mponda Mkule (responsável de bairro) — No ano passado, a chuva veio um pouco tarde, prejudicando, assim, o milho. Temos muita mandioca a apodrecer, porque não podemos consumir toda a produção. Não haverá maneira de nos comprarmos mandioca seca?

Fabião Lucas (miliciano) — As nossas machambas são invadidas por javalis e elefantes. Com as nossas armadilhas não conseguimos resolver a situação. Precisamos de pólvora para utilizarmos armas de caça.

Jacinto Balidi (Chefe da Aldeia) — Não há fome porque as machambas familiares dão para a nossa alimentação. Mas

se produzíssemos colectivamente, abrindo uma cooperativa, poderíamos ter maiores colheitas e fazer dinheiro. Ainda estamos desorganizados...

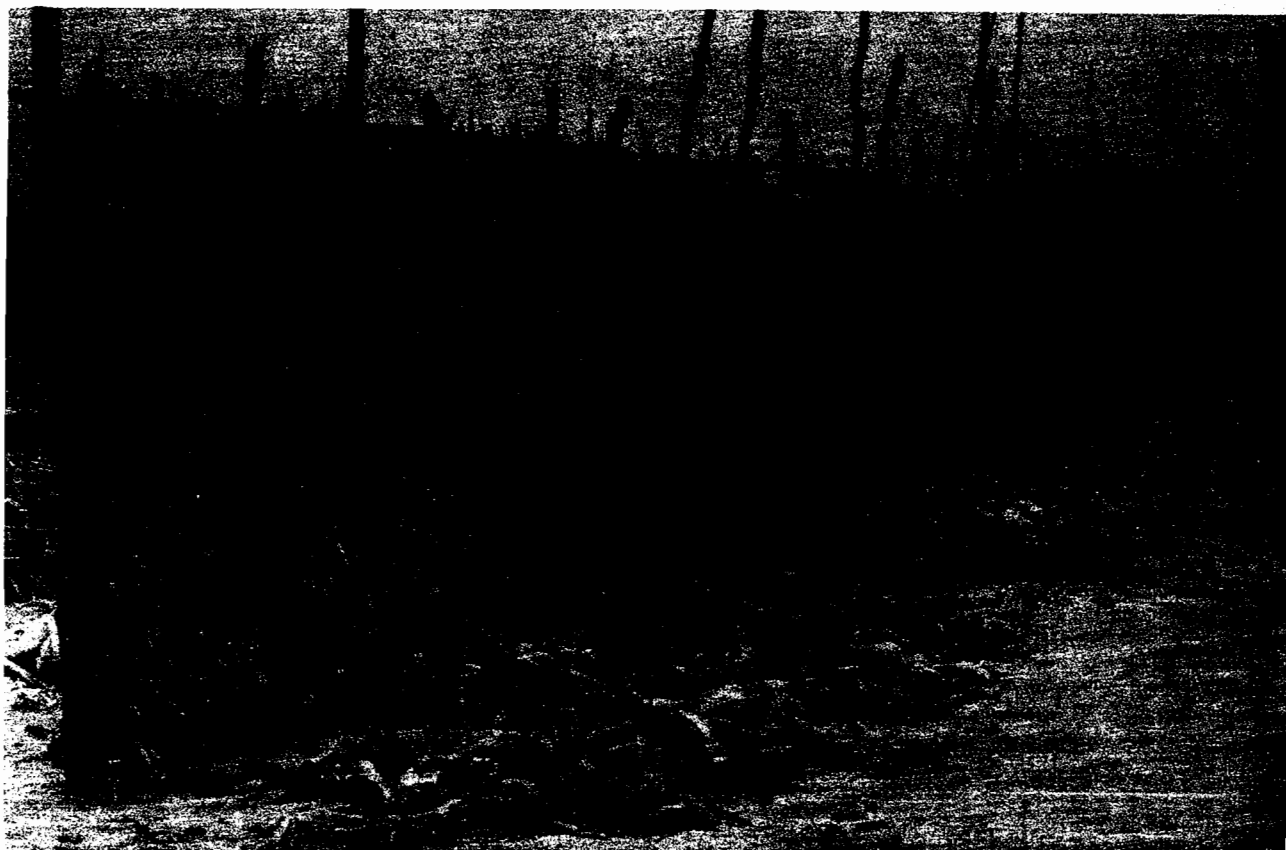
— **Até agora não vendem nada ao Estado?**

J. Balidi — Vendemos algumas quantidades de milho e feijão, principalmente. Mas existem problemas na comercialização. Na loja compram o milho a três escudos o quilo; a mapira a 3\$50; o gergelim a 6\$00. Com esse preço não dá para comprarmos a roupa de que necessitamos.

Ant. Mataquenha — Os tecidos são muito caros. Na loja vendemos uma lata de milho e o dinheiro nem chega para comprarmos um lenço de mulher. Por vezes pe-



António Mataquenha



A produção de milho a nível familiar foi satisfatória no último ano agrícola

dem-nos 10 escudos de troco para nos darem uma nota de 50 escudos. Onde vamos arranjar os trocos?

Rahamad Daniel Mahamad (responsável da Loja do Povo) — Temos ainda uma grande falta de tecidos. Apesar dos preços serem elevados, quando a roupa chega desaparece a seguir, por isso continua a nudez. Por outro lado, há um aspecto que não entendo no nosso comércio. Nós compramos feijão a 4\$50 o quilo à população, mas as lojas privadas dão 6\$50 pela mesma quantidade. Não sei como explicar isso às pessoas.

— Como funciona a vossa cooperativa de consumo?



Jacinto Balidi

Namiundo Liakade (responsável da cooperativa de consumo) — No princípio, éramos cem membros. Agora somos mais. Estamos a abrir uma machamba para apoiar a nossa cooperativa, mas precisamos de mais apoio do Governo sobretudo para podermos adquirir bens de primeira necessidade.

Lassau Sijunga — A cooperativa atravessa dificuldades devido à falta de colaboração de outros sectores. Por exemplo, os pescadores da costa levam-nos muito dinheiro, o mesmo em relação a qualquer pessoa ou entidade privada e nós na aldeia não possuímos dinheiro. Além disso existe o problema do transporte de mercadorias

compradas longe da aldeia.

Que problemas existem no campo da Saúde?

Tomás Mainato Chindandolo (agente polivalente de Saúde) — Devido à falta de água, os aldeões são atacados por doenças da pele, da vista, e dos intestinos, principalmente e nem temos medicamentos para combatê-las. O número da população é muito elevado em relação às quantidades de medicamentos fornecidas regularmente à aldeia.

— Que é que está a ser feito aqui para prevenir a doença?

T.M. Chindandolo — Não se pode adiantar muita coisa quando não existe água em quantidade suficiente para as ne-

provincia. Por exemplo, nem sempre foi possível estabelecer a aldeia, respeitando os dois factores fundamentais definidos, nomeadamente, a existência de terras férteis nas proximidades e de água em quantidade suficiente para satisfazer as necessidades de consumo das famílias e da produção. Devido ao elevado número de habitantes e escassez de terras férteis, muitos aldeões são obrigados a fazer as suas machambas longe das casas.

A água é, como se sabe, um problema sério em Cabo Delgado. A maior parte dos rios seca nos meses de Agosto, Setembro e Outubro, em quase todos os distritos. No planalto de Mueda, a situação é mais grave. Apesar de se ter aí iniciado, em 1976 um plano provincial para o abastecimento de água, com o apoio da UNICEF, nem 40 por cento da obra estava concluída no ano passado. Apenas três sistemas de fornecimento de água estão a funcionar em Chomba, Muatide e Mutamba.

Aldeias existem onde as populações gastam mais de meio dia para irem buscar água para beber e cozinhar. Para conclusão do projecto em curso, serão necessários cerca de 10 mil contos, segundo nos revelou um responsável das Obras Públicas, a nível da província. Por outro lado, estudos recentemente realizados avaliam em 100 a 500 mil contos o custo da execução de um projecto mais correcto para fornecimento de água para beber às

populações do planalto. No entanto vivem, só no distrito de Mueda, mais de 120 mil pessoas, organizadas em 68 aldeias.

Apesar de as estruturas provinciais, com o apoio das populações, terem aberto diversas estradas na província, depois da independência, e reparado outras já antigas, o acesso às aldeias continua a ser um problema dificultando, os transportes, o escoamento dos produtos e os abastecimentos, principalmente durante a época das chuvas.



Abastecimento de água um dos problemas mais sérios na Província de Cabo Delgado



As nossas crianças não recebem os cuidados necessários



Mponda Mkule

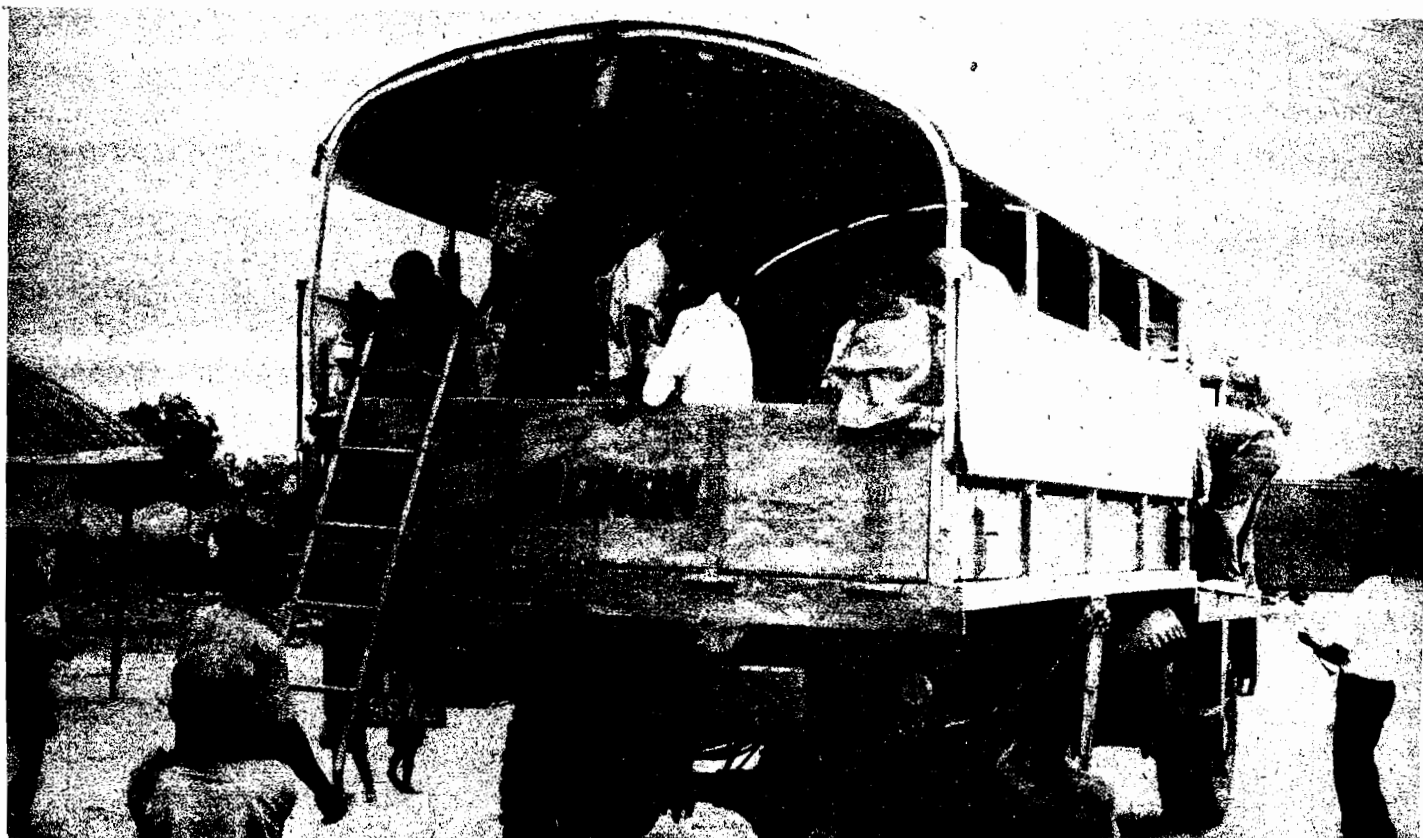
cessidades. Mesmo assim, esclarecemos as pessoas sobre as medidas preventivas a tomar, aconselhamos a usar as latrinas construídas e distribuímos comprimidos (quando houver) para combater a malária.

— Que tipo de problemas sociais encaram?

Uma aldeã—Aqui na aldeia, as nossas crianças não recebem os cuidados necessários. A creche não funciona devido à falta de condições: Não existe água, nem comida adequada, nem instalações apropriadas. Algumas companheiras não querem tomar conta dos nossos filhos porque não auferem qualquer salá-

rio pelo trabalho. A casa, de pau a pique, mete água quando chove e, em tempo seco cria pulgas por falta de limpeza.

Caximuka Lonchengo — Custa também eliminarmos entre nós o lobolo e os ritos de iniciação, porque sempre os praticávamos. A maior parte não compreende porque eles são proibidos. Outro problema são os adultérios. Há casos de agressões físicas porque as pessoas não sabem solucionar as situações de uma maneira política, sem ter de recorrer às multas como até há pouco tempo se praticava.



Transporte colectivo de passageiros no interior do distrito de Mueda



A escassez de água provoca más condições sanitárias e está na origem de muitas doenças nas aldeias

Existe ainda a carência de géneros de primeira necessidade tais como sal, sabão, óleo, açúcar e tecidos para vestuário mantendo-se o problema da nudez. As faltas existentes nas Lojas do Povo e a ausência de apoio adequado às cooperativas de consumo vem agravar ainda mais as dificuldades que os camponeses enfrentam relativamente ao abastecimento.

No entanto os problemas da comercialização merecem uma maior atenção. A falta de equilíbrio entre os preços com que o Estado compra os produtos ao camponês e o preço com que este vai adquirir os artigos de sua necessidade na loja constitui um motivo de desmobilização para este último.

Enfim, a ausência de formas colectivas de produção e o fraco enquadramento político das populações fazem com que se mantenham ainda intactas algumas sequelas do colonialismo e vícios da sociedade tradicional: prática aberta ou camuflada de ritos de iniciação, lobolo, adultério, prostituição, alcoolismo, banditismo, etc. Pode dizer-se que a única prática colectiva se limita às actividades culturais, bastante desenvolvidas nestas aldeias e à arte.

Vimos, contudo, a existência de condições bastante favoráveis de avanço para formas elevadas da organização social, de modo a permitir atingir-se o mais rapidamente possível os objectivos das aldeias comunais. Tais condições são o elevado grau de mobilização das populações, a dinamização dos órgãos do poder popular — as Assembleias do Povo — o nível de localidades e distritos e a implementação das Células do Partido.